

LITERATURA DE VIAGEM:

a mirada de Spix e Martius sobre o sertão baiano

Valter Guimarães Soares¹

RESUMO: A partir da leitura da obra *Através da Bahia*, traduzida para o português em 1916, procuro espreitar imagens de sertão baiano a partir da perspectiva dos naturalistas bávaros Spix e Martius. A intenção é problematizar uma versão muito aceita, segundo a qual a natureza física do Brasil sempre foi motivo de encantamento por parte dos viajantes, geralmente apreendida por estes como fonte de emoções e atuando de forma marcante e arrebatadora sobre a sensibilidade do observador.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, imagem, sertão.

Muitos foram os europeus que aportaram no Brasil no início do século XIX. O fim do exclusivismo português, em 1808, possibilitou, além da entrada de navios mercantes, a presença de muitos estrangeiros. Viajantes de várias origens, destacadamente ingleses, franceses e alemães, intercalando os mais diversos propósitos – comerciais, científicos, literários, relações diplomáticas, desenvolvimento científico e criação de museus, investigação das potencialidades humanas e materiais da antiga colônia – devassaram o então Reino Unido de Portugal.

Artífices de um novo descobrimento, conforme assinala Sergio B. de Holanda², ao mesmo tempo em que se deslocaram em expedições pela terra desconhecida, deixaram importantes registros para a historiografia (narrativas, crônicas, diários) e ampliaram o corpus do gênero Literatura de Viagem. Para além disso, tais anotações de viagem não apenas descrevem, interpretam e criam um dizer (um ditado, quiçá) sobre o Brasil, mas também colaboram na sua instituição como “real”, porquanto atuam proliferando sentidos e significados e colocando em movimento uma profusão de conceitos e imagens que influenciaram sobretudo a imaginação social sobre o país. Esse olhar externo, ele próprio também fundador, participa da invenção do Brasil; ele vai ser agenciado no processo de construção de uma ideia de país, permanecendo em muitas das explicações posteriores.

Embora em um novo contexto, a expedição de cunho científico empreendida pelos naturalistas bávaros Spix e Martius³ através do Brasil inscreve-se como continuidade no processo de incorporação ou adição do novo ao Velho Mundo, processo iniciado no período da Conquista. Tal operação de captura, porém, se dá em moldes distintos. Se o imaginário renascentista desenhava o mundo a partir do gosto

pelo maravilhoso e trazia a marca de uma geografia fantástica, assistimos agora o exercício do olhar conformado pelo ideal da Ilustração.

As expedições científicas, com efeito, inauguram um novo estilo de viagem. Iniciadas no século XVIII e se estendendo até o século XIX⁴, as expedições foram difundidas por academias, universidades, sociedades científicas, muitas delas organizadas pelo Estado, não raro motivadas por interesses econômicos e expansionistas⁵. Enquanto nova forma de explorar e adquirir conhecimento, ao mesmo tempo em buscavam ampliar o saber humano, apagavam os resquícios de uma geografia e uma cartografia fantástica que povoavam o imaginário do período anterior. Leopardi, em 1820, ocasião da viagem dos naturalistas, lamentava a destruição dos sonhos e fantasias que habitavam o imaginário europeu:

do descobrimento desta ignota imensa terra (...) só nos cabe dizer que tornou pequeno o mundo, destruindo todo um supramundo de sonhos graciosos e imaginações... e de ilusões geográficas ‘sommamente poetiche’, e da presença da América faz assim uma funesta ameaça para a poesia⁶.

Spix e Martius participam desse movimento de desencantamento do mundo. Através do olhar armado da História Natural procuram devassar o então Reino de Portugal, classificar e nomear sua natureza. No relato não há espaço para o mistério, os fenômenos da natureza devem ser explicados pelas luzes da ciência. Compartilhando uma característica básica da Literatura de Viagem desse período, apresentam uma narrativa que expressa um amplo campo de interesses. Ao passo em que fazem o percurso físico através do sertão baiano, num frenético exercício do olhar (e das suas extensões, como é o caso do microscópio) e desenfreado colecionismo, além dos temas naturalistas, tratam também de assuntos econômicos, etnográficos, políticos, sociais e históricos. Frente a tal amplitude de temáticas, busco neste trabalho surpreender qual imagem os naturalistas inferiram para o sertão baiano. Ao fazê-lo, procuro indagar uma perspectiva muito aceita, segundo a qual a natureza física do Brasil sempre foi motivo de encantamento por parte dos viajantes, geralmente apreendida por estes como fonte de emoções e atuando sobre a sensibilidade do observador⁷.

ITINERÁRIOS

Spix e Martius chegaram ao Rio de Janeiro em 1817, onde ficaram alguns meses preparando o roteiro de expedição pelo interior do Reino e coletando material da fauna e da flora. Objetivando devassar regiões ainda pouco exploradas, seguiram para São

Paulo e daí tomaram o rumo de Minas Gerais, visitando Vila Rica e o Distrito Diamantino. Penetrando mais ainda no interior transpuseram a região do rio São Francisco, chegando até a fronteira de Goiás. De volta ao litoral, cruzaram a então Província da Bahia, chegando a Salvador em novembro de 1818. Dali, empreenderam a travessia pelo sertão das províncias de Pernambuco, Piauí e Maranhão. De São Luís, já em julho de 1919, navegaram até Belém, lançando-se em viagem pela bacia do Amazonas, tocando as fronteiras atuais do Peru e da Colômbia. Em abril de 1820 retornaram a Belém, de onde partiram para a Europa⁸.

Na Bahia os naturalistas percorreram o território alto sertão em direção à Capital. Como no Recôncavo haviam se “tornado uma raridade as matas virgens”, após curta estadia em Salvador, viajaram para a Comarca de Ilhéus, por “ser preciso ir aprender a conhecer o aspecto das florestas não profanadas em outros pontos da Província”⁹. Após o retorno á capital baiana, adentram novamente o sertão rumo às cabeceiras do Vaza Barris, com o fito de examinar o meteorito de Bendegó. Atravessaram o São Francisco, em Juazeiro, onde deixaram o território baiano.

Ao final da empresa, o Brasil revelava-se não mais como uma promessa aos interesses naturalistas. A riqueza da natureza e a variedade dos objetos colecionados confirmam ser aquele um ambiente ideal para pesquisas. Além do material mineralógico e etnográfico, “o gabinete da Academia de Ciência de Munique recebeu: 85 espécies de mamíferos, 350 de aves, 130 de anfíbios, 116 de peixes, 2700 espécies de insetos, 80 de aracnídeos e outro tanto de crustáceos. Só o material da botânica orçava em 6500 espécies de plantas” (AB, 229-230). Repetindo o gesto dos muitos conquistadores, os naturalistas bávaros chegaram a acrescentar à sua enorme coleção quatro índios, que vieram a falecer: dois durante a travessia e o restante “logo após a chegada a Munique, em pleno inverno”¹⁰.

O OLHAR VIAJANTE

Estranha e complexa é a relação entre a mirada do viajante e aquilo que ele visualiza, nomeia e institui enquanto objeto. As percepções humanas não são discursos neutros, portanto o “olhar” dos naturalistas bávaros trazem régua e compasso do seu universo simbólico de origem; suas concepções de natureza, de sociedade, de política, etc., são índices que apontam para certas condições de possibilidade históricas. As

molduras que limitam seus modos de ver e dizer vinculam-se aos condicionamentos culturais que informaram sua época.

No entanto, dizer o *outro* é talvez ou principalmente dizer de *si mesmo*. A experiência do viajante, naturalista ou não, é sempre desafiado pelo novo que excede. Conforme assinala Lisboa, o deparar com o des-conhecido coloca em choque repertórios culturais distintos, sendo o “contato com o ignoto e as formas de aprendê-lo uma das questões centrais” da Literatura de Viagem. Esta tensa dialética entre o próprio/alteridade, pátrio/estrangeiro, eu/outro pode resultar em sínteses curiosas, variando conforme o tipo de observador, de viagem e do período histórico, razão porque se deve estar atento para a armadilha ou ingenuidade da teoria causal da pré-formação e da percepção. A cultura de origem não deve ser tomada como determinante exclusivo, sendo a alteridade um exercício de percepção intercultural¹¹.

Spix e Martius são crias da Ilustração. Eles manifestam esta herança através do desejo de multiplicar o conhecimento científico. Desejo que às vezes causava incompreensão e, não raro, desconfiança. No arraial de Feira de Sant’anna, rumando em direção a Bendegó, com o propósito de visitarem o meteorito que ali se encontrava, tentam convencer aos moradores de que não havia *intenção secreta* na expedição. A finalidade da viagem parecia-lhes incrível, e, segundo relatam, nem mesmo o intérprete se deu por satisfeito com a justificativa: “Como acreditar que por causa de besouros e plantas possa alguém se expor a morte de sede?”, dizia ele. “Estes senhores procuram os blocos de prata de Monte Santo e sem dúvida não suportariam gratuitamente os incommodos de uma tal viagem” (AB, p. 167). De qualquer modo, revela-se aqui o *espírito* da expedição, cujo móvel intercala, afora as disposições subjetivas, curiosidade e desejo do conhecimento científico. Orientados pelo método da História Natural, ao tempo em que se deslocam, o fazem com os sentidos em alerta: observam, tomam nota, perscrutam o que achavam digno de ser registrado em palavras e imagens; também coletam, prensam, empalham espécies da fauna e da flora tropical. Pautados no enciclopedismo francês e utilizando o sistema taxinômico de Lineu, procuram ordenar e classificar o mundo natural, transcrevendo os objetos da natureza numa linguagem que se pretende única e universal¹². Os viajantes parecem tomados por uma espécie de fúria classificatória, que fica explícita na definição da flora da caatinga:

A imburana (*Bursera leptophleas*, Mart), as barrigudas (*Chorisia ventricosa* et Mart e *Pouretia tuberculata*, M.), os paus de rato dos sertanejos da Bahia (*Caesalpinia gladulosa*, *microphylla*, M.), a

catinga de porco *Caesalpinia porcina*, M.), a caranguda (*Caesalpinia acinaciformis*), o pau ferro (*Caesalpinia férrea*, M.), muitas espécies de mulungú (*Erythrina*), o imbuzeiro (*Spondias tuberosa*, Arr) e uma grande quantidade de *euforbiáceas* são [ao lado dos *cereus* espinhentos (*cactus cerus*)] as que mais contribuem para a caracterização destas catingas. (AB, p. 26)

No entanto, é preciso considerar que se o ideal da Ilustração norteava os objetivos da peregrinação científica de Spix e Martius, ele vem contaminado também por uma visão de mundo povoada de ideias românticas. Karen Lisboa, na obra já citada, faz um inventário das influências intelectuais dos naturalistas bávaros, destacando as ideias de Humboldt, Goethe e de filósofos da natureza, a exemplo de Hegel e Schelling. Segundo ela, o romantismo alemão anuncia uma nova forma de ver e dizer a natureza. Opondo-se às interpretações mecanicistas e fixistas do mundo natural, propõe-se uma concepção holística, segundo a qual entre todos os fenômenos existia uma relação mediada por uma força vital básica. A natureza passa a ser interpretada como um todo orgânico, como uma totalidade harmônica, sujeita à evolução histórica.

Ainda segunda a autora, Humboldt influencia decisivamente a narrativa de Spix e Martius, sendo também uma espécie de estrela-guia de muitos outros historiadores da natureza. Humboldt inaugura um novo modo de descrição das viagens científicas, anunciando uma maneira estética de tratar dos temas da História Natural, que tende a uma prosa poética. Na interface da ciência com a poesia ele desenvolve o “estilo estético-científico” – segundo a feliz expressão de Bornheim¹³, com o objetivo de transmitir ao leitor o prazer provocado pela natureza na mente sensível do contemplador. Busca assim, um modelo de narração que procura preencher os requisitos de um “quadro da natureza”, ou seja, produzir uma narrativa que tivesse o poder de reproduzir no leitor “o prazer que a mente sensível recebe da contemplação imediata da natureza”¹⁴.

A um só tempo, Spix e Martius procuram conferir à sua narrativa um caráter de veracidade e prazer da paisagem, resultando deste esforço a preocupação com os apontamentos diários do que era capturado pelo olhar armado pela ciência e pela sensibilidade romântica. Ao longo do percurso iam fazendo registros de forma escrita e coletando provas daquilo que era observado (objetos naturais e etnográficos), elementos essenciais para a posterior redação do relato¹⁵, Através do procedimento científico, buscavam dar visibilidade ao real dos fenômenos naturais, por meio de uma narrativa que deveria acima de tudo trazer a marca da precisão, fechando qualquer espaço para

interpretações miraculosas. Não descuidam porém do estilo da escrita, já que tencionam tocar o sentimento e a fantasia do leitor.

ATRAVÉS DO SERTÃO: IMAGENS DESÉRTICAS E INFERNAS

Spix e Martius em certa medida também defrontaram com os “dois inimigos ferozes dos narradores de viagem”, de que nos fala Francisco Lima¹⁶, isto é, a tradição de saberes instituídos e o novo que se apresentava aos sentidos, da multidão de coisas ainda sem nome, um excesso de real a solicitar algum tipo de nomeação e classificação. Certamente o solo era menos escorregadio, trazendo o conforto das coisas já ditas, embora muitas delas a requerer um novo tipo de enquadramento classificatório.

Exemplo disso é o significante Sertão, que atravessa o Atlântico nas caravelas portuguesas e desembarca no Brasil já em 1500. Nomeação recorrente nos relatos de quase todos os viajantes e cronistas, sertão se prestou durante o processo colonizador para designar o *incerto*, o *longínquo*, o *interior*, como contraposição ao litoral, lugar da civilização¹⁷. E é com esta ideia que Spix e Martius operam, traduzindo-o pelo genérico, como não-litoral, como sinônimo de interior, de deserto, de horizonte aberto, amplo e uniforme; lugar ignorado e ignorante, apartado do mundo civilizado. Mas pelo menos, no caso baiano, ele traz uma marca de especificidade, que é dada pelo tipo de vegetação: a caatinga. Na longo do relato é recorrente a associação do sertão a este tipo de formação:

As planícies mais altas são despidas de toda vegetação ou cobertas de alguns pés de cactos e ervas, de uma densa capoeira, ou de árvores baixas. Todas essas plantas pertencem à formação caatinga, pois durante a sêcca perdem as folhas, que de novo as revestem por ocasião da entrada da estação chuvosa. (AB, 165)

Marca de particulariza, mas que, ao mesmo tempo, pode ser lida como um índice de imperfeição. Ao atravessarem o sertão da Bahia, os naturalistas deixam registradas impressões que se aproximam mais do infernal do que do “prazer da paisagem”. É certo que isso não é um atributo particular do “sertão baiano”. Na *Viagem pelo Brasil* os momentos de prazer, as sensações de acolhimento e elevação espiritual são às vezes intercalados com a *selvageria* do mundo natural, espécie de manchas que parecem borrar a exuberância da natureza (cobras, insetos, perigosos jacarés e vorazes piranhas)¹⁸.

Todavia, ao longo da expedição, eles “se deleitavam na contemplação do país, cuja doçura, cuja variedade encantadora e cujo esplendor superam muito todas as belezas naturais”¹⁹, que jamais haviam visto. Se vivenciaram noites sublimes e encantadoras, a doce tranquilidade e a paz das matas, se enxergaram mágicos cenários, descobriram maravilhas, sempre com encantamento, prazer, gozo e deleite, o mesmo não ocorre na travessia do sertão baiano. Aqui, o registro é de uma natureza inóspita, representada através de imagens ameaçadoras, terríveis e perigosas.

A constante presença de imagens disfóricas parece por em xeque a relação de encantamento entre o homem e o mundo natural. Já na abertura do relato, fazem um alerta para quem pretenda viajar por ali:

O viajor, que durante os meses seccos conduzir uma numerosa tropa de burros, através do sertão da Bahia, pela estrada que tomamos, jamais terá certeza de alcançar, com um animal sequer o fim da viagem. Não deve receiar pela segurança da sua pessoa, nem pela alimentação necessária, pois encontrará diariamente uma ou mais fazendas. Mas, água e forragem para as bestas de carga são por vezes escassas e podem faltar completamente por ocasião de um secca prolongada. Então os animais morrerão rapidamente e o viajante ficará desamparado coma sua bagagem à mercê da bondade dos sertanejos. (AB, p.1)

Contrariando as visões detratoras da América²⁰, Spix e Martius consideram “a natureza brasileira dotada de riqueza, uberidade, pujança, fertilidade, força e opulência”. No Rio de Janeiro, encontram um “jardim paradisíaco de exuberância e magnificência”²¹. Na província da Bahia também contemplam encantados a beleza e perfeição da natureza tropical. Contudo, a presença do edênico presente nos locais próximos ao litoral contrasta com o sentimento experimentado nas travessias pelo interior. Neste, são raros os momentos de deleite e gozo. Podemos dizer que o itinerário dos naturalistas é marcado por imagens eufóricas e disfóricas, sendo que estas predominam/abundam na descrição do sertão-caatinga.

Com efeito, os naturalistas *deleitam a vista* e sentem *agradáveis impressões* com a *risonha mutação dos panoramas* dos mangues da Baía de Todos os Santos. A capital da Província, Salvador, embora não possa/pudesse ser comparada ao Rio de Janeiro, “despertará as mais *as mais agradáveis impressões* ao viajante que sentir prazer em *ligar suas contemplações às ideias sobre a dignidade do gênero humano e à magnitude de seus esforços*” (AB, p. 45). Belamente edificada, com diversas ladeiras sem casas, revestidas de bosquezinhos silvestres, de bananais e de laranjas, a cidade é percebida

como um índice anunciador dos encantos da província. Exclamam os viajantes: “Quão fartamente a beleza da vegetação tropical sempre aos cuidados do jardineiro!”. (AB, p. 46)

O grande espetáculo da natureza é também experimentado na visita à Vila de São Jorge de Ilhéus. Ali, os viajantes parecem extasiados frente ao encanto da linda e graciosa paisagem:

A ponta de terra arenosa, em cuja margem ocidental está edificada, é ornada de um viçoso e ondeante coqueiral, imprimindo esta bella palmeira como sempre um encanto especial à paisagem. (...) Para oeste, a vista repousa com prazer sobre a superfície d’água do Rio Ilhéus, que se apresenta em forma de lagôa, ladeado por verdes e aprazíveis matas. (AB, p. 104)

A solidão na floresta do rio Fundão desperta na alma dos viajantes *sentimentos até então desconhecidos* (AB, p. 123). E também encantamento com a riqueza da fauna e da flora: a mancha no paraíso (jacaré), ou o incômodo do ataque de uma multidão de *terríveis mosquitos* na noite anterior, não anulam a forte impressão de prazer:

Ao variegado esplendor dessas formas de folhas, acresce ainda a ornamentação pitoresca de inúmeras flores. Muitos frangos d’água, garças, mergulhões, etc... dão animação aos matos. A vida tranquila e o modo de viver destas espécies de aves estão de acordo com o caracter selvagem desta solidão. O viajante, remando vagarosamente, entrega-se a uma alternativa de admiração e melancolia, até que de repente desperta pelo aparecimento de um jacaré à espreita, ou é perturbado por um bando de lontras, que, roncando, passam com a velocidade de uma seta (AB, 109-110).

Retornando de Ilhéus para Salvador, por mar, os viajantes deixam transparecer a máxima romântica de que a natureza deve ser sentida, e ao mesmo tempo demonstram preocupação em despertar sensações no leitor:

A lua apareceu brilhante no límpido firmamento ... Assim caminhávamos pela agradável fresca da noite, com o coração dividido entre os gozos indizíveis de uma noite tropical e as felizes recordações da pátria, para a qual o Oceano, com sua intermitente voz de trovão, nos fazia volver o pensamento. Felizes daqueles a quem o viajante pela narração de taes momentos recorda semelhantes vibrações d’alma (AB, p. 139).

Em se tratando do sertão-catinga as imagens disfóricas de longe superam o “sentimento de natureza” dos viajantes naturalistas. São raros os registros que expressam prazer e gozo. Aqui a vegetação pode ser lida como imperfeição na pujança e riqueza natural do Reino tropical. É certo que algo ainda pode ser contemplado, como a

mutação da paisagem na Serra da Vila Velha e os encantos da Serra do Sincorá, mas sobressaem inferências a uma região triste. As caatingas do São Francisco tinham “aspecto outoniço, onde as únicas plantas verdes eram hastes de *Cereus carnosus*, algumas caparidáceas e janifhos cobertos de espinhos cáusticos” (AB, p. 2). A ausência de água e a possibilidade de falta de comida, *o calor insuportável e opressivo*, a vegetação da caatinga, que parecia estarecida pelo sopro da morte, colocam os naturalistas numa atitude de assombro. Sentem-se angustiados e incomodados. O sertão passa a ser representado como um *terrível deserto*. No trecho da viagem entre Malhada e Salvador, vivem momentos de aflição. A falta de água e de alimentos provoca a morte de alguns animais (segundo eles, *navios do deserto*), enquanto outros se recusam ao serviço. Diante de tal situação, resolvem arriscar as coleções e tentar salvar a vida, abandonando grande parte dos minerais colecionados, como também os esqueletos completos de um tapir e de alguns crocodilos. “A própria região – afirmam – , uma floresta sem vida e árida, fitava-nos como uma miragem horrível de aniquilamento gradual” (AB, p. p. 24)

Imagens de desespero, que parecem se repetir ao longo do trajeto. Como no Ribeiro do Jacaré, região assolada por *perigosas sezões*, e povoadas por cruzeiros nas margens das estradas, como a anunciar o *triste momento mori* para os fatigados viajantes:

Por certo, sentíamos também a dia, a mais e mais, a influencia nociva dos muitos esforços físicos e principalmente da grande diferença de temperatura do dia e da noite, durante a qual as mais vezes ficamos sem abrigo, expostos ao sereno. O Dr. Spix sofria violenta dor de cabeça e eu de uma otite direita, que me causava febre e dores violentas. (...) Toda a nossa vida girava continuamente em torno da questão: - **acharemos água hoje?** (AB, p. 28, grifo meu)

No percurso entre a Vila de Cachoeira e Juazeiro, as imagens de uma natureza monótona e sem vida se repetem. Após deixarem aquela vila do Recôncavo, onde encontram paisagens que *pelo verde luxuriante das collinas, pela variação dos bosques e pela diversidade de vistas sobre o magestoso rio, são de um particular encanto* (p. 159), a lavoura escasseia cada vez mais, e os viajantes, duas léguas depois de Feira da Conceição, acham-se de novo em pleno sertão-caatinga. A extensa e monótona vegetação, a abundância de cactos armados de grandes cerdas e ameaçadores espinhos, os campos estorricados pela grande seca, as paisagens que não mais possuem o encanto da mutação, reforçam no viajante o temor por se encontrarem em tão *terrível deserto*. Toda região estava seca e parecia morta:

A fauna parecia ter completamente abandonado este deserto adusto. Só observamos vida e movimentação nas casas de cupim, de forma cônica tendo às vezes cinco pés de altura. Aves e mamíferos pareciam haver emigrado para regiões mais ricas de água. (p. 167, grifos meus)

Somente quando ao rio São Francisco deparam com *alegres manifestações de vida*, o que parece modificar o seu estado de espírito:

Descortinou-se a paisagem e, ao longe, o majestoso rio São Francisco, ondulando placidamente. Sentimos o poder dithyrambico do verso pindárico: (...) *água é o que há de melhor* – para reanimar o nosso espírito extenuado e finalmente chegamos após tantas desventuras e tribulações, à margem do hospitaleiro e abençoado rio. (p. 210)

Não deixa de ser ilustrativo que seja justamente às margens do grande rio, recompondo-se da fatigante viagem, que os andarilhos encontram o ambiente propício para as digressões da alma e reafirmação das belezas da natureza:

Enrqueciamos dos mais elevados pensamentos, contemplando no profundo silencio que nos cercava, os infinitos mundos luminosos do firmamento austral.... Parecia-nos luzirem com duplicado fulgor gigantescos soes: Siro, Espiga e Alphard. Com mais afeição demoramos os nossos olhares sobre Fomahand, Antares e Canopo, astros que de tal maneira não mais poderíamos ver em nossa pátria, e assim nos impusemos o espirito o prazer de satisfazer com esta contemplação pelo resto da vida.

Quem ousará taxar de frívolo este nosso esforço? Entretanto, é o inacessível, o para sempre perdido, que no homem desperta as mais profundas saudades.... Diante deles, imagens mudas do infinito, portas de um segundo firmamento inacessível aos sentidos humanos, queda o espirito subjugado pelo pressentimento da eternidade. (p. 224-225)

É possível concluir, pois, que as inferências de Spix e Martius sobre o sertão baiano parecem desautorizar certas generalizações acerca das percepções dos viajantes quanto a natureza física do Brasil. Se a tropicalidade brasileira é motivo de encantamento e deleite dos naturalistas bávaros, o mesmo não ocorre com o desértico sertão baiano. Mesmo considerando que “diligentes pesquisas, feitas neste sertão tão pouco conhecido, enriqueceriam a sciencia com espécies da fauna antediluviana e com muitos outros fatos importantes” (p. 186), na representação há índices que contrastam com a riqueza, pujança e a beleza da natureza tropical.

¹ Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Mestre em Literatura em Diversidade Cultural (UEFS), autor do livro *Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*; e-mail ygsoares@hotmail.com; Bolsista da FAPESB.

-
- ²HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico – O processo de Civilização*. São Paulo: Difel, 1976, Tomo II, vol. I.
- ³ O zoólogo Johan Baptist Von Spix e o botânico Carl Fredrich Von Martius, membros da Real Academia de Ciência de Munique, vieram par ao Brasil com a comitiva real da arquiduquesa Leopoldina, que veio se casar com o príncipe herdeiro D. Pedro I. Aproveitando a oportunidade, e graças a suas ligações familiares com a corte imperial da Áustria, o rei da Baviera Maximiliano José I, conseguiu enviar seus súditos, colocando em prática um antigo projeto: realizar uma viagem de estudos no interior da América. Ver LISBOA, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius; natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1987.
- ⁴ CRISTOVÃO, Fernando, Para uma teoria da Literatura de Viagem. In: _____ (Coord.) *Condicionamentos culturais da Literatura de Viagem*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999, p. 15-52.
- ⁵ HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções – 1798-1848*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- ⁶ Citado por SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia das Letras, 1986, p. 22.
- ⁷ CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1959, v. 1, p. 278 e segs.
- ⁸ LISBOA, Karen M. *op. cit.*, p. 21-22. Segundo informa esta autora, os três volumes da *Viagem pelo Brasil* foram editados na Alemanha entre os anos de 1823 e 1831; a obra completa é vertida pelo português somente em 1938, tradução promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (*Idem*, p. 23); SPIX & MARTIUS, *Através da Bahia*. [Trad. de Manoel Pirajá da Silva e Paulo Wolf]. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1916, p. 228 – 230.
- ⁹ SPIX & MARTIUS. *Através da Bahia*, p. 200 (doravante AB)
- ¹⁰ Karen M. LISBOA, *op. cit.*, p. 69.
- ¹¹ *Idem*, p. 46.
- ¹² Ver FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 148; e THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 102-103.
- ¹³ BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GINSBURG, J. (Org.) *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p.97.
- ¹⁴ Citado por LISBOA, Karen M. *op. cit.*, p. 40.
- ¹⁵ Sobre as estratégias narrativas dos viajantes, ver Flora SUSSEKIND, *O Brasil não é longe daqui: o narrador e a viagem*. São Paulo, Cia das Letras, 1995, p. 144 e segs.
- ¹⁶ LIMA, Francisco Ferreira. Os atropelos do olhar: Caminha e as maravilhas da Santa Cruz. *Léguas&Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, Feira de Santana, UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 126.
- ¹⁷ Ver AMADO, Janaína. Sertão, região, nação. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v.8, nº 15, 1995, p. 145-151.
- ¹⁸ Karen LISBOA, M. *op. cit.*, 107-112.
- ¹⁹ Citado por LISBOA, p. 93.
- ²⁰ A respeito das visões detratadoras da América, ver SOUZA, Laura de Mello e. *op. cit.*, p. 32 e segs.
- ²¹ Citado por LISBOA, *op. cit.*, p. 115 e 93, respectivamente.